



## EDUCAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REGIÃO DO CONTESTADO: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS ACAMPAMENTOS CABOCLOS EM TIMBÓ GRANDE, SC

*SOCIOCULTURAL EDUCATION IN THE CONTESTADO REGION: A CASE STUDY FROM THE CABOCLOS CAMPS, IN TIMBÓ GRANDE, SC*

*EDUCACIÓN SOCIOCULTURAL EN LA REGIÓN DEL CONTESTADO: UN ESTUDIO DE CASO DESDE LOS CAMPAMENTOS DE CABOCLOS EN TIMBÓ GRANDE, SC*

Leonardo Aparecido de Lima da Silva<sup>1</sup> 

Joel Cezar Bonin<sup>2</sup> 

### RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo debater o uso de mecanismos de resgate da cultura local do Contestado para o desenvolvimento da educação. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica com viés exploratório, abordará o Acampamento Caboclo e sua programação cultural para o desenvolvimento de uma educação de qualidade dentro das terras do Contestado. É notório que os eventos culturais têm o intuito de promover, divulgar e introduzir, diretamente ou indiretamente na vida das pessoas, as práticas e costumes em que a cultura cabocla está presente. Todavia, ainda há muito preconceito com relação à promoção destes valores, o que pode ser corolário do passado, por vergonha e por medo. Por isso, o Acampamento Caboclo, que neste texto queremos apresentar, desde 2017, tem sido um espaço de fomento e promoção da cultura cabocla do Contestado e, por meio dele, visa-se desenvolver um olhar para que os educadores possam perceber a importância do resgate histórico-cultural no intento de promover uma visão mais engajada, transformada e comprometida com a realidade local onde vivem.

**Palavras-Chave:** Acampamento Caboclo; Contestado; Cultura.

### ABSTRACT

This work aims to debate the use of mechanisms to rescue the local culture of the Contestado for the development of education. As a bibliographical and documentary research, it will address Acampamento Caboclo and its cultural programming for the development of quality education within the Contestado lands. It is well known that cultural events have the intention of promoting, publicizing and introducing, directly or indirectly into people's lives, practices and customs in which cabocla culture is present. However, there is still a lot of prejudice regarding the promotion of values, which may be a corollary of the past, due to shame and fear. Therefore, the Caboclo Camp, which in this text we want to present, since 2017, has been a space for fostering and promoting the cabocla culture of the Contestado and, through it, the aim is to develop a perspective so that educators can realize the importance of historical-cultural rescue in order to promote a more engaged, transformed and committed vision with the local reality where they live.

**Keywords:** Camp Caboclo; Contested; Culture.

<sup>1</sup> Graduado em Matemática pela Unifael e Física pela Uniasselvi, graduando em Letras (Português) e Sociologia pela Uniasselvi. Especializado em Gestão Escolar pela Uniasselvi e Mestrando pelo PPGEB da Uniar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6428464523083171> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0967-7275> Email: [leonardoapdelima02@hotmail.com](mailto:leonardoapdelima02@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Atua nos programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe –UNIARP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5599831923296454> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0437-7609> E-mail: [boninj7@gmail.com](mailto:boninj7@gmail.com)

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo debatir el uso de mecanismos de rescate de la cultura local del Contestado para el desarrollo de la educación. A modo de investigación bibliográfica y documental, se abordará el Acampamento Caboclo y su programación cultural para el desarrollo de una educación de calidad dentro de las tierras del Contestado. Es bien sabido que los eventos culturales tienen la intención de promover, dar a conocer e introducir, directa o indirectamente en la vida de las personas, usos y costumbres en los que la cultura cabocla está presente. Sin embargo, aún persisten muchos prejuicios respecto a la promoción de valores, que pueden ser un corolario del pasado, debido a la vergüenza y el miedo. Por ello, el Campamento Caboclo, que en este texto queremos presentar, desde 2017, ha sido un espacio de fomento y promoción de la cultura cabocla del Contestado y, a través del mismo, se pretende desarrollar una perspectiva para que los educadores puedan darse cuenta de la importancia del rescate histórico-cultural para promover una visión más comprometida, transformada y comprometida con la realidad local donde viven.

**Palabras clave:** Campamento Caboclo; Impugnado; Cultura.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em apresentar a importância do Acampamento Caboclo para um resgate histórico-cultural dentro das terras do Contestado, que sofre constantemente com o apagamento histórico de suas origens. Nesta perspectiva, o Acampamento Caboclo e sua programação vem de uma construção sócio-histórico-cultural, ligado a um saber cognitivo marcado pela intenção de formar cidadãos críticos, capazes de desenvolver um olhar sobre a realidade econômica, por métodos específicos de pensamentos que contribuem de forma particular para o desenvolvimento social da região do Contestado.

Na diversidade da cultura brasileira, as comunidades da região do Contestado não têm nenhum monumento ou evento cultural que integre o patrimônio nacional ou estadual. A região do Contestado, por sua vez, está marcada pela influência da cultura indígena, africana e europeia, formando a cultura cabocla, que é representada por uma tradição que é vivida no dia-a-dia.

Todavia, juntamente com os problemas econômicos e sociais, os governos do estado de Santa Catarina ameaçam rotineiramente apagar a cultura do caboclo, através da distorção histórica dos fatos e do esquecimento de políticas públicas voltadas para as demandas dessa região. Por isso, o acampamento caboclo vem dando passos de grande importância de estudos, pesquisas, de resgate e análise desse assunto através da educação, enfatizando estudos sobre o Contestado e suas raízes num contexto mais humanitário.

Se analisarmos desde o princípio, o surgimento do Acampamento Caboclo tem o papel de resgatar os princípios religiosos e cotidianos do povo sertanejo, na tentativa de introduzir festas religiosas, costumes e práticas culinárias, perpassando pela análise do desenvolvimento social e econômico, refletido há mais dos 100 anos do pós-guerra, que assolou a população local, reverberando ainda hoje na vida de seus descendentes. Devemos compreender que a cultura



cabocla do Contestado estudada com um olhar mais humanitário, num sentido histórico, geográfico, antropológico e sociológico é uma parte essencial desse processo, através da interação sobre os assuntos que se estabelecem no âmbito dos estudos do reflexo da realidade local e social. Dessa forma, esse resgate cultural nos leva a refletir também sobre outros aspectos que devem ser pontuados quando se trata de pensar nas consequências deletérias deixadas pela guerra, tais como as rendas e as distribuições de rendas dentro dessa sociedade, numa perspectiva de distribuição de renda que ocorre de modo totalmente desigual em solo catarinense.

Diante dessa situação, o surgimento do Acampamento Caboclo é uma iniciativa educacional voltada a preservação e promoção da cultura cabocla do Contestado, apresentando-se como uma tentativa de fortalecimento da educação local. Neste contexto, este trabalho tem o intento de divulgar o papel deste Acampamento no resgate dessa cultura esquecida e em vias de apagamento; dessa forma, acredita-se que o trabalho que aqui desejamos apresentar pode ser útil e benéfico para o fortalecimento da educação cabocla na região do Contestado.

### **Origens e Atividades do Acampamento Caboclo**

O acampamento Caboclo é uma das atividades oferecidas pela Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado, associação foi fundada em Timbó Grande-SC, por um grupo de pessoas da sociedade civil e de professores que tinham a ideia de fazer um resgate da cultura cabocla e desmistificar a ideia de que o povo caboclo do Contestado é descendente de bandidos, algo que foi profanado e colocado pelo sistema de segurança durante muitos anos em nosso país. Isso foi propalado principalmente pelo Exército nacional e pelos governos para amedrontarem as pessoas e fazer uma política de apagamento da história do povo massacrado entre 1912 e 1916.

O Acampamento Caboclo surgiu pela primeira vez em 2017. Neste acampamento, ficou evidente a discussão de preservar e resgatar a cultura do povo sertanejo da região, através de festivais de música, missas, terço, benzimentos, apresentação de danças e outras manifestações culturais. A associação com o evento do Acampamento Caboclo, busca compreender a religiosidade e passar os ensinamentos culturais à população que, muitas vezes, são camuflados pela vergonha ou medo que foi instalado na consciência das pessoas e que foi repassado de geração à geração. Segundo Lemos, as dimensões da mística do Contestado se relacionam com o sagrado, que se liga à religiosidade e se transforma nas expressões da cultura popular,

Nas práticas de religiosidade popular, às expressões da cultura popular se acrescentam dimensões de sagrado. As expressões culturais, acrescidas do sagrado, constituem-se uma força que alimenta nos membros das comunidades uma postura digna perante a própria vida e a sociedade. Isso porque lhes fornece um sentido aos fatos cotidianos nos diversos campos da vida (LEMOS, 2006, p. 43).



Assim, resgatar a história, a cultura e a religiosidade da região da Guerra do Contestado, é resgatar uma história esquecida pelo poder público, principalmente pela vergonha e pelo rastro deixado pela devastação desta região pelas mãos do poder de segurança do governo, que rotulou o povo sertanejo do Contestado como bandido.

No Brasil, principalmente no Sul, exatamente na Região do Contestado, os caboclos sempre foram tratados como sujeitos pobres, sem instrução e desvalidos. Além disso, eles sofreram ainda mais com a chegada dos imigrantes europeus na região. Com isso, os preconceitos e retaliações sempre estiveram presentes por serem mestiços e por serem pequenos agricultores que plantavam apenas para a subsistência de suas famílias. Os caboclos do Contestado viviam em constantes atribulações, pois perdiam terras para grandes fazendeiros, amargavam o abandono das autoridades em função da tentativa de embranquecimento da região. Para Nilson Thomé, apesar de toda negação de direitos, essas pessoas persistiram e resistiram ao tempo,

A forte personalidade desta gente sempre se impôs no território e só dividiu primazia após a chegada dos imigrantes europeus recentes, que viam no caboclo um ser inferior, inculto e selvagem. Mas, logo os brancos “puros” se curvaram à sabedoria deste caipira, que conhecia a mata, distinguia o solo, previa o tempo, falava a linguagem da natureza, reconhecia o perigo à distância, praticava a automedicação e que se sentia à vontade nas suas terras, estranhas aos recém-chegados (THOMÉ, 1992, p. 19).

Como se pode conferir, os caboclos e caboclas conheciam a localidade muito melhor do que os recém-chegados e viu-se, em pouco tempo, que os que viviam a terra e na terra sabiam como cuidá-la como consequência de uma sabedoria da vida e da vivência naquele espaço territorial. Com isso, a cultura cabocla era conhecida e respeitada pelos que aprenderam a viver na região, constituindo-se uma cultura miscigenada e marcada pela diversidade. Mas o que detinham o poder viam nesta mistura um problema a ser eliminado em função da ordem e do progresso positivista que deveria incorporar e subsumir tudo que o pudesse impedir.

Nesse contexto, apesar de todo panorama destrutivo que o povo local sofreu durante e após a guerra, ainda há muitos motivos de orgulho e de valorização da cultura de nossa região, principalmente no que se refere ao desejo de manutenção e de resgate cultural do povo do Contestado. Diante disso, nos dias 21 e 22 de outubro de 2017, no Sítio do então Presidente João Batista Maguerroski (*in memoriam*) foi feito o 1º Acampamento Caboclo e a 1ª Caminhada Jorge Matoso. A caminhada recebeu esse nome em homenagem ao professor homônimo. Ele era um grande defensor da história do Contestado, pois era descendente dos primeiros habitantes da localidade da Cachoeira (Timbó Grande), onde os “Matoso” chegaram durante a guerra. Vale destacar que o primeiro Acampamento contou com a presença de 50 pessoas, entre jovens e adultos. Desde então, todos os anos, o evento é realizado e conta, em média, com a presença de 250 pessoas, como foi o caso de 2023.

O primeiro tema abordado em 2017, foi a frase baseada nas palavras do filósofo grego Heródoto: “A História é o estudo do passado para entender o presente”. Neste contexto, as palestras e as rodas de conversas fundamentaram-se sobre o tema da emancipação e do resgate do povo caboclo no sentido de que suas linhagens não sentissem vergonha de seus antepassados e, ao contrário, os exaltassem no presente e no futuro, a fim de criar caminhos e possibilidades, na forma de uma memória da realidade da época e do quanto ela é ainda sentida no presente, e o quanto ela pode nos ajudar a formar um futuro diferente. Por isso, Gilberto Tomazi afirma que é preciso lembrar atentamente do passado:

Até um século atrás, a identidade cabocla do Contestado ia sendo estruturada fundamentalmente a partir de uma experiência de vida comunitária e numa relação íntima com a natureza. Desconsiderando o processo de colonização baseado na violência promovida a partir das grandes fazendas de criação de gado e da cultura liberal capitalista, o povo do Contestado formava pequenas comunidades e vivia segundo valores herdados das culturas indígenas, africanas e europeia-cristã (TOMAZI, 2005, p. 98).

Segundo Brandt e Campos (2008), na população cabocla do Planalto Catarinense, à época do tropeirismo, até o momento imediatamente anterior à eclosão do conflito do Contestado, percebe-se uma constante: existem práticas que identificam aspectos do coletivo, sendo as mais importantes, as relativas ao uso da terra. Ademais, podemos afirmar que o caboclo do Contestado era religioso, e sua mística estava associada à fé no monge João Maria e em São Sebastião. Para muitos, a fé em ambos deixou a população confiante e em pé durante a guerra.

Podemos afirmar também que durante a Guerra prevaleceu um catolicismo mais rústico, manifestado através de benzimentos, terços e práticas religiosas, nas quais o povo sertanejo se alicerçava contra “maus-olhados”, vermes e patuás. Tinham sempre o rosário no pescoço e acreditavam que as águas dos poços onde São João Maria passava (foto 1), tinham poder de cura e serviam para batizar e salvar as pessoas das enfermidades.

**Figura 1** – Poço de São João Maria



Fonte: ACC Filhos do Contestado (2023)

## Acampamento e o Resgate da Cultura da Fé.

Dando continuidade aos trabalhos de manifestação da fé cabocla foi realizada um novo acampamento em 2018. Nesta ampliação do conhecimento e do resgate da cultura da população e da emancipação da fé, as discussões do Acampamento foram marcadas pelo entendimento sobre os milagres e pelo fundamentalismo religioso que imperava na época do Contestado. Segundo as discussões, entendeu-se isso se deu pelo desespero daquela população, com fome e com medo da morte. Nesse contexto, a esperança por São João Maria e São Sebastião era um grito de clamor. São João Maria se tornou uma figura que formou a fé desse povo e constituiu a própria cultura cabocla, levando o povo a ter uma relação de respeito com a natureza, assim criando a fé pelas ervas e pelos benzimentos. João Maria utilizava muitas metáforas em sua comunicação com esse povo, criando uma marca própria e criando uma força popular. Além disso, seus conhecimentos nas ervas traçaram uma linguagem cheia de símbolos e lendas, gerando a mística que envolve a própria cultura cabocla mesclada pela fé religiosa até os dias de hoje.

É importante enfatizar que, Antônio Gramsci (apud TOMAZI, 2005, p. 27) quando fala das riquezas das manifestações das culturas e populares, afirma que

Nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Com isso podemos sair de um discurso sobre o povo, sobre a cultura do povo, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o modo de viver ou ser do povo.

Em 2018, houve uma troca de local do acampamento e não ocorreu a caminhada. O local previsto seria no sítio de Pedro Alcântara Maguerroski, irmão de seu João, mas devido às chuvas e o cancelamento da 2ª Caminhada, o Acampamento Caboclo se deu na Igreja Divino Espírito Santo, capela de nome da mesma localidade na cidade de Timbó Grande.

Mesmo dentro do salão da capela, houve pessoas que acamparam. Houve uma adesão menor de participantes, mesmo assim, foi possível levar adiante o debate sobre a fé do povo caboclo. Assim sendo, mesmo que de forma mais discreta ou de forma mais anônima, o Contestado continua com sua cultura popular nas benzedeadas, na religiosidade, no compartilhamento da vida comum e nas orações.

Dentro dessa ideia, as terras do Contestado ficaram muitos anos sem médicos e com uma grande falta de profissionais da saúde; então, o que se podia fazer era procurar os únicos recursos disponíveis para a maioria da população como os benzimentos, as ervas e as rezas. Neste sentido, como

Aqui, não existiam médicos, que eram substituídos por curandeiros, àquelas pessoas mais experientes na lida com as plantas e as ervas consideradas medicinais, ou curativas (hoje, chama-se “homeopatia”), nem remédios químicos. Mesmo assim, o caboclo sobrevivia a muitas doenças, graças a uma série de conhecimentos adquiridos dos índios, dos negros e dos desbravadores, que passaram de geração para geração, com “fórmulas” sempre

acrescidas de novas descobertas (THOMÉ, 2011, p. 241).

A cura de suas enfermidades advinha da própria natureza, que os cercava durante aquele período. Entretanto, ainda hoje muitas vezes, ir aos benzedores e benzedeadas é uma prática comum, mesmo de forma mais discreta ou escondida. Mas, na realidade, isso é algo que deve ser mostrado e orgulhar o povo caboclo pois faz parte da nossa herança cultural, algo que com o tempo está se apagando e se esquecendo.

### **Da Partilha para a Resistência e “Varando” o Chão Catarinense: Rompendo os Preconceitos.**

Em 2019, retoma-se a ideia fundamental da própria origem do Contestado: “quem tem mói, quem não tem mói também e, no final, somos todos iguais”. Neste momento, foi realizada a II Caminhada, por um percurso de 7 kms em meio à natureza até o local onde estão enterradas “as meninas dos lábios de mel”. Elas foram enterradas neste local porque morreram de fome durante a guerra do Contestado. Ele fica localizado no Bairro Boa Vista, em Timbó Grande-SC.

Neste ano foi debatido sobre a partilha com base na frase acima citada de João Maria de Agostini. A palavra mói vem do alimento a ser moído e partilhado. Mas nessa reflexão sobre o povo que morreu de fome ou dizimado pela fome, a ponderação esteve ligada ao não esquecer do passado e ao pensar sobre o presente, pois é através da memória, segundo Hartog (2006), que ela se manifesta como demanda, se afirma como dever e é reivindicada como direito. Assim, a memória vale, no mesmo movimento, como uma resposta ao presentismo. Podemos definir que o presentismo é a redução da temporalidade, sem fazer um elo do passado, do presente e do futuro, trazendo tudo apenas para a dimensão do tempo presente.

Segundo Simson (2003), a memória é a capacidade humana de reter fatos e acontecimentos passados e transmiti-los às gerações futuras através de suportes como voz, imagens, músicas, documentos e textos. Diante disso, entende-se que é de suma importância trazer nos estudos sobre o Contestado, as memórias sobre o passado e ver sua correlação com o presente, como a fome ainda existente, pois na nossa realidade contemporânea acabamos formando uma sociedade do esquecimento e do abandono da memória.

A resistência pode ser definida com um modo de se manter firme em uma sociedade excludente e é assim a realidade do povo caboclo. Por isso, no ano de 2020, mesmo com o peso da pandemia da Covid-19, o Acampamento Caboclo foi realizado, tendo como tema central a resistência. “Uma história de resistência na geografia do cotidiano: epidemias do passado e a pandemia do presente” foi o tema desenvolvido durante o evento. Neste ano, também houve a 3ª Caminhada Jorge Matoso, a tradicional Missa Cabocla e uma palestra com o Padre Gilberto



Tomazi. Durante o acampamento, debateu-se a resistência do povo caboclo durante a Guerra e a resistência de manter a cultura cabocla vivaz em nossos dias. Neste sentido, a união da Associação para manter o Acampamento, mesmo que com todas as atividades que não seriam ao ar livre, continuaram, mas de forma remota. Essa ideia vem ao encontro do pensamento de Foulkes que afirma que

[...] em espírito, todo grupo deve ser 'aberto'. Aberto, isso é orientado para a comunidade e realidade das coisas existentes. O mundo da realidade, o Corpo e a Comunidade são os coordenadores de todas as terapias (FOULKES, 1948, p. 157).

Diante disso, se crê que o espírito comunitário e compartilhado da vida comum e da vida coletiva, leva as pessoas a ressignificarem suas vidas e seus próprios valores e, ainda, que a vida do Contestado só tem sentido se for pensada nestes moldes. Desta forma, neste mesmo ano, mas antes do acampamento, Timbó Grande se tornou a Capital Catarinense Cabocla do Contestado, através do projeto de Lei nº 18.005, de 28 de setembro de 2020, votado pela ALESC e sancionado pelo governador Carlos Moisés, que reza em seu artigo 1: “Fica reconhecido o Município de Timbó Grande como Capital Catarinense Cabocla do Contestado”. Isso representou um momento importante de valorização como registro da ideia de que o Contestado tem o seu valor e que o povo dessa terra merece o devido reconhecimento.

Por seu turno, “Varando o chão Caboclo do Timbó Grande: Trilhando Terras Contestadas e valorizando a Cultura e a Civilização Cabocla da Região Vale do Contestado” foi o tema do Acampamento em 2021. Este momento foi de suma importância para debater e valorizar a cultura local, discutindo juntamente com o povo caboclo, o fato de que ainda existe um “projeto civilizatório” almejado pelas autoridades nacionais de “purificação europeia”, ou seja, se nega a própria identidade brasileira para a aplicação de teorias evolucionistas com o intuito de desenvolver o progresso nacional. Em outras palavras, a imagem do progresso é a negação das raízes culturais que moldaram nosso país. A autora Maria José de Rezende (2001) cita falando sobre um passado não muito longínquo que se perpetua ainda hoje:

O grande problema era, então, a ausência de um projeto de civilização que levasse em conta o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo, o caipira simplório, o sertanejo das caatingas nordestinas e do chão úmido da Amazônia. Os setores preponderantes pretendiam impor formas de mudanças sociais que desconsideravam as especificidades brasileiras. Segundo ele, uma sociedade que pretendia imitar as instituições e os modos de ser e de agir europeus não criaria jamais um autêntico projeto civilizador (REZENDE, 2001, p. 203).

Podemos ver que a ideia de Rezende é ainda muito atual, pois recentemente o Ministério do Turismo juntamente com a SANTUR (Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina), num ato unilateral, se propôs a apagar as memórias, a fé e os costumes dessa região ao extinguir o Vale do Contestado, mas isso acabou por colidir com a resistência de povo batalhador



desta terra. Então surgiu, num ato de autoanálise, o Vale dos Emigrantes com 25 municípios e devolveram o “Vale do Contestado” para outros, exatamente 13 municípios, mas com uma nova denominação designada como “Caminhos do Contestado”.

Em 2022, o tema principal do Acampamento esteve ligado aos 110 anos da Guerra. Nesse momento, as discussões foram permeadas pela memória do povo que foi morto à sangue frio pelo Exército e à valorização dos líderes da Guerra do Contestado e em que medida novas lideranças e apoiadores estão disseminando a História do passado para sua perpetuação e difusão. Assim sendo, naquele momento, viu-se que estudantes e professores possuem essa tarefa ímpar, ao ensinar e repassar ensinamentos, para a compreensão da guerra e do seu massacre. Dessa forma, hoje os professores são os líderes que transmitem os saberes aos próximos líderes, ou seja, aos alunos que habitam a região contestada.

O Acampamento de 2023 veio com uma grande reflexão: “Rompendo o Jaguncismo”. Os debates se ligaram sobre a importância de desmitificar que o caboclo do Contestado não era jagunço e a importância das mulheres durante a Guerra do Contestado.

O povo sertanejo do Contestado ou os caboclos eram pessoas que sobreviviam através da natureza com o cultivo da erva mate, já os jagunços foram pessoas que prestavam seus serviços (nem sempre de forma lícita), sendo contratados por um chefe, uma pessoa individualmente para cuidar e controlar uma certa região, território ou gleba. Além disso, o sistema da época protegia as ações ilícitas dos jagunços em função da própria natureza do trabalho que eles prestavam aos seus chefes:

[...] Se esses homens tivessem vindo de lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, permanecido no Contestado e se encaminhado para a vida criminoso, através da constituição de bandos próprios ou jagunços contratados, forçosamente sofreriam processos ou neles testemunhariam. Não é isso que pode ser percebido (ESPIG, 2008, p. 360).

Segundo a autora, podemos observar que o jagunço é aquele que presta serviço para alguém. Durante a Guerra do Contestado, eles eram contratados pelos grandes latifundiários, pessoas que se apossaram dessas terras, pelos proprietários da Lumber ou pelo Exército Brasileiro no período da guerra e no pós-guerra, sendo pagos para matar os caboclos numa tentativa de tomar a terra deles ou na tentativa de apagamento histórico. Nesse sentido, a Guerra do Contestado teve uma demonização contra o povo sertanejo do Contestado. Aliás, muitos ainda tem medo de falar sobre esse trágico massacre, ficando mais fácil de associar o povo Caboclo com os Jagunços, o que é um erro inadmissível e injusto.

Assim sendo, o Acampamento Caboclo de 2023 veio com a missão de criar o debate e distinguir o Caboclo do Jagunço, mostrando que o Caboclo do Contestado queria apenas viver em



suas terras para seu próprio sustento e seguir sua vida, diferente do jagunço que matava o caboclo como mercenário, em troca de dinheiro na tentativa de eliminar a população que ali vivia.

Mesmo após a tentativa de eliminar os caboclos do Contestado nos anos 1912-1916, ficou claro que isso não deu certo, pois devemos ter em mente que o Contestado ainda vive em cada um que vive e pesquisa sua história e suas origens; então, o jaguncismo teve sua derrota, pois o caboclo do Contestado ainda se encontra presente na cultura, nos hábitos e modos de ser do povo local.

### **Acampamento Caboclo e Elo com a Educação.**

O acampamento Caboclo cria um elo com a educação e a emancipação do indivíduo combinando a compreensão política com o entendimento sociocultural dessa sociedade, enfatizando sempre a importância da pessoa humana dentro de um contexto focado no resgate da cultura material e imaterial, dando a atenção a cultura humana e reconhecendo a dignidade e a liberdade do povo caboclo do Contestado. Podemos dizer que são ideologias humanistas e sociais,

que colocam no centro dos processos de transformação a pessoa humana e sua liberdade, mas não como indivíduo isolado e, sim, como ser de relações sociais que visam à produção e à apropriação coletiva dos bens materiais e espirituais da humanidade, à justiça na distribuição destes bens e à igualdade na participação de todos neste processo (MST, 1996, p. 9)

O Acampamento traz consigo o princípio da pedagogia dos saberes e o resgate cultural material e imaterial que são idealizações de resultados a partir das pesquisas, das palestras e das rodas de conversas, nas quais a história se passa de geração para geração, mas não como mera contação ou narrativa, mas como força motriz de conscientização, compreensão e transformação da realidade. Essa valorização quando trabalhada como forma de ensino e de estudos leva os estudantes e a todo o povo do Contestado a compreender que é uma população batalhadora, que tem uma cultura própria e que precisa do devido autorreconhecimento, pois mostra que a cultura espiritual e a herança cultural enraizada nos habitantes remanescentes do Contestado ainda continua viva.

Ser Caboclo/Cabocla na região do Contestado é um estado de espírito, uma herança secular dos habitantes mais originais, podendo ser representado pela forma de falar, de pensar o mundo, de dividir a comida com o próximo, do reconhecimento da figura do Monge João Maria, no aquecer o corpo com uma cuia de chimarrão, no degustar uma quireira com carne de porco, no pinhão assado na chapa ou na grimpa, ser caboclo ou cabocla no Contestado é viver sobre o modo de vida herdado dos antepassados regionais e manter viva a chama da justiça e da bondade, algo tão característico do povo simples contestadense (FRAGA, 2016, p. 38).

Assim, podemos ver a representação da nossa realidade que carrega consigo ainda os costumes da época da Guerra do Contestado. Isso significa que mesmo após 110 anos, ainda

continuamos exercendo a cultura do povo sertanejo da região, mesmo sem perceber ou sem entender nossas verdadeiras linhagens.

As atividades do Acampamento podem ser trabalhadas como instrumento pedagógico, então, elas podem ser apresentadas como uma possibilidade de experiência corporal mais sensível do que objetiva, e tanto mais significativa e duradoura quanto mais pessoal é a sua vivência. Deste modo, Bruhns (2009, p.164) cita que “a experiência do caminhar perdura além do efêmero e possibilita uma combinação entre o prazer estético (admiração) e o desejo de conhecer”.

A Caminhada pela Natureza pode proporcionar um tipo de aprendizagem mais interdisciplinar, mais espontânea e menos técnica, trazendo um olhar mais libertador e menos objetificado ao aprendizado, fazendo compreender que as caminhadas nos transformam aos poucos, nos permitem fazer escolhas autênticas e que satisfazem as necessidades de conhecimento de cada indivíduo, pois cada um se lança àquilo que mais chama a atenção e mais desperta o seu interesse de aprender. Essa dinâmica pode ser complementar e suplementar ao aprendizado do ambiente escolar.

As caminhadas pela natureza, fazem com que o ser humano retome uma reconciliação com o mundo em que vive, tornando-o mais livre e natural, criando uma nostalgia e uma resistência contra o controle social dos corpos, contra a padronização dos gestos, contra a degradação das forças físicas e psíquicas impostas pela contemporaneidade.

**Figura 2** – Ponto Final da Caminhada da Mística noturna



Fonte: ACC Filhos do Contestado (2023)

Trata-se de uma aventura para o corpo e para a alma, criando um momento de meditação e de contemplação capaz de proporcionar uma “filosofia da existência”. Conforme Le Breton,

O caminhante, como um antropólogo, observa atentamente os lugares por onde passa, distinguindo as diferenças na arte do jardim, nas janelas, na arquitetura das casas, no modo de preparar os alimentos, na acolhida dos habitantes, nas inflexões da língua ou mesmo na condução dos cães de uma região para outra (LE BRETON, 2000, p. 63).





Assim, essas atividades trazem consigo aspectos antropológicos essenciais e uma rede infinita de coisas, lugares e percursos que criam a possibilidade de criar uma memória mais afetiva dos caminhantes e criar lembranças dos conhecimentos adquiridos durante o percurso, sabendo que dentro das caminhadas pela natureza, há a possibilidade de criação de um processo pedagógico mais amplo, criando raízes e fortalecendo a cultura da sociedade local, fazendo um incentivo maior ao contato com a natureza, com o passado e com o presente por meio da articulação entre saúde, pessoas e educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresentou ideias e elementos que podem despertar um interesse genuíno dos alunos pela contribuição de um projeto de construção de um ambiente educacional de resgate sociocultural, neste caso específico, da história do Contestado.

Se tratando de estudo biblio-exploratório, podemos entender que o aprendizado de cada um dependerá de uma compreensão no processo histórico, cultural e social destes alunos e de seus familiares. Nesse caso, o Acampamento Caboclo pode justificar a indicação de elementos culturais materiais e imateriais na construção de uma sociedade, mostrando a resistência de uma cultura que não dispõe tanto de elementos marcados pelo audiovisual e sim de uma história contada e narrada pelos herdeiros deste acontecimento. Com isso, devemos estar atentos e dar importância a esses detalhes. O acampamento nos mostra que não devemos pensar de forma equivocada sobre o passado, mas dar a devida importância nas contribuições dos alunos como sujeitos críticos e ativos do próprio processo de resgate do passado e do desenvolvimento da História atual. Além disso, o acampamento visa demonstrar que os próprios estudantes devem ter uma autoconsciência crítica sobre o mundo para melhor entenderem o que aconteceu e acontece na região do Contestado.

Estudos dessa natureza podem contribuir para que pesquisas possam ser desenvolvidas por arqueólogos, geógrafos, historiadores, sociólogos ou qualquer outra disciplina para além das ciências humanas, pois estão indicando necessidades ou interesses de todas as pessoas que querem e necessitam entender a realidade local. Em outras palavras, quanto mais interdisciplinar for a discussão sobre o Contestado mais ampla e completa será o seu entendimento. Azevedo e Bastos (2002) já haviam identificado que boas condições ambientais fortalecem as relações entre as pessoas que nele convivem. A pesquisa aqui relatada propõe evidenciar, mais uma vez, a importância de contar com a discussão e aprendizado através do planejamento ou processo de aprendizagem compartilhado.

Aos pesquisadores, cabe a ampliação das informações sobre os temas abordados, tomando por base os relatos e análises feitos por cada um, por meio de instrumentos metodológicos como

os descritos – debates, história relatada, palestras e gastronomia –, na medida em que se confirmam como um espelho de seus interesses. Foi essa a preocupação de nosso trabalho, que mostrou claramente que as contribuições do Acampamento Caboclo para a formação de um saber popular e mais engajado são fundamentais para o resgate e a perpetuação da cultura cabocla e do Contestado.

## Referências

ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABOCLA FILHOS DO CONTESTADO. Web Página do Facebook. Disponível em <https://m.facebook.com/people/Associa%C3%A7%C3%A3o-Cultural-Cabocla-Filhos-do-Contestado/100067718749158/> (2023). Acesso em 27 nov 2023

AZEVEDO, Giselle A. N.; BASTOS, Leopoldo Eurico. **Qualidade de vida nas escolas: produção de uma arquitetura fundamentada na interação usuário-ambiente**. In: RIO, Vicente Del; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.), Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro: Contracapa/PROARQ, 2002 (p. 153-160).

BRANDT, Marlon; CAMPOS, Nazareno José de. **Costumes e usos da terra pela população cabocla do planalto de Santa Catarina**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 193-208, mai./ago. 2014. Available at: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/895>>. Date accessed: 27 nov. 2023

BRUHNS, H. T. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. São Paulo: Manoel, 2009.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do contestado: os turmeiros da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Tese de Doutorado Pós Graduação em História (UFRGS). 2008. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14747> Acesso em 27 nov. 2023.

FOULKES, S. H. **Introduction to group-analytic psychotherapy**. London: Ed. Heinemann. 1948.

FRAGA, Nilson Cesar. **A guerra do contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo**. In: FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; BUCH, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). Geografia do Contestado: **50 anos de Fazer Geográfico**. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio. Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul-dez.2006. Disponível em <https://www.scielo.br/j/vh/a/qhLrpqw77Bgwq8Gv3wbRX4x/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 27 nov. 2023.

LE BRETON, D. **Éloge de la marche**. Éditeur: Métailié, 2000.

LEMOS, Caroline. Teles. Religião no Centro-Oeste: entre a tradição e a modernidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 51–64, 2007. DOI: 10.5216/sec.v9i1.214. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/214>. Acesso em: 27 nov. 2023.



MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA.

Princípios da educação no MST. Porto Alegre: MST, 1996.

REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ts/a/qX6SVG8yVfG4KfHTWQKpYvq/?format=pdf> Acesso em 27 nov. 2023.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória e cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica.** São Paulo. n.6, maio 2003 (p. 14-18). Disponível em [https://www.academia.edu/13030591/Memoria\\_cultura\\_e\\_poder\\_na\\_sociedade\\_do\\_esquecimento\\_Olga\\_Rodrigues\\_de\\_Moraes\\_von\\_SIMSON](https://www.academia.edu/13030591/Memoria_cultura_e_poder_na_sociedade_do_esquecimento_Olga_Rodrigues_de_Moraes_von_SIMSON) Acesso em 27 nov. 2023

THOMÉ, Nilson. **Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado.** Edições Incon, Caçador, UnC, 1992.

THOMÉ, Nilson. **Raízes caboclas: identidade do homem do Contestado.** São Paulo: Clube de Autores, 2011.

TOMAZI, Gilberto. **A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes.** Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2005. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2051> Acesso em 27 nov. 2023.

Agradecimentos à FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina) pelo apoio e incentivo por meio da aprovação deste projeto de pesquisa no edital de bolsas FAPESC nº 06/2023.

**Recebido em:** 13 de novembro de 2023

**Aceito em:** 18 de dezembro de 2023